



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA



TRADUÇÃO dum CONTO de LEÃO TOLSTOI por JOSÉ INACIO
DESENHOS DE ADOLFO CASTANÉ

ALGUMAS crianças encontraram um dia na ravina um objecto grosso como um ovo de galinha. Ao centro deste objecto, havia um sulco, que o tornava semelhante a um grão.

Um homem que passava, viu o objecto, comprou-o aos garotos por cinco kopecks, trouxe-o á cidade, e revendeu-o como uma curiosidade ao Imperador.

O Tzar convocou os sábios, e disse-lhes que tratassem de saber o que era esse objecto; se elle era um ovo, ou um grão. Os sábios procuraram, procuraram, e não puderam descobrir nada sôbre a natureza do objecto.

O objecto foi colocado sôbre o parapeito duma janela. Uma galinha voou para este lado, picou aqui, picou acolá, viu o objecto, picou mais um bocado e fez nele um buraco; o objecto era, pois, um grão; toda a gente viu bem que o era, e os sábios declararam que era um grão de trigo.

O Imperador admirou-se muito; convocou de novo os sábios e encarregou-os de indagarem porque o grão era, assim, tão grande. Os sábios procuraram em sua ciência, procuraram em seus livros mas não encontraram nada; por fim disseram ao Imperador:

— Sire, não temos resposta alguma satisfatória



para vos dar. Em nossos livros, não há nada escrito sobre o assunto; é preciso interrogar os camponeses; talvez que eles saibam como se deve cultivar um grão desta espécie.

O Imperador fez comparecer um camponez extremamente velho, para o interrogar:

O homem chegou. Vinha sobre muletas; não tinha dentes e sua barba era branca.

O Imperador mostrou-lhe o grão; mas o velho ficou embaraçado; olhava-o, apalpava-o.



— Bom homem, diz-lhe o Imperador, queres tu dizer-me para que pode servir um grão desta espécie? Talvez que tenhas semeado igual em



teus campos; talvez que, no decurso da tua vida tenhas comprado grãos semelhantes?

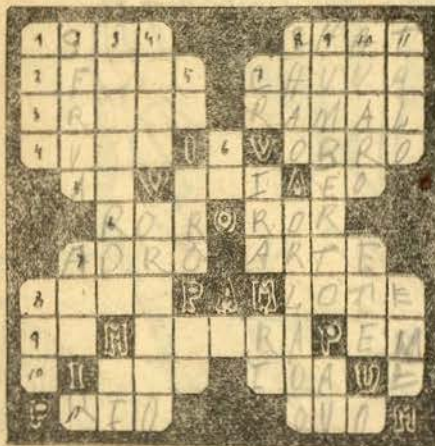
O velho perdera quasi a faculdade de ouvir, não entendia senão confusamente, com grande pena sua. Respondeu, entretanto:

— Não; jamais semeei em meus campos grãos semelhantes, jamais os recolhi, jamais os comprei. Quando eu comprava trigo, o grão era sempre muito pequeno. É preciso interrogar a meu pai; talvez que ele lhe possa dizer onde cresce a planta que traz este grão.

O Imperador mandou procurar o pai do velho. Encontrou-se e foi conduzido á presença do

(Continua na pagina 8)

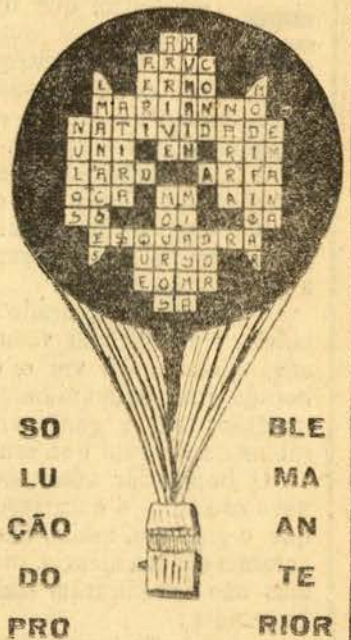
PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1—Deselegante, nome dum animal doméstico em francês. 2—Erigido, água que cai da atmosfera. 3—Boas, ramificação. 4—Jogo escrito com as letras trocadas, vogal

t. de verbo. 5—Vogal e consoante, palavra francesa, vogais. 6—Ária em francês, grande quantidade. 7—Terreiro em volta duma igreja, habilidade. 8—Gumes de facas ou outros instrumentos: cortantes, lotação. 9—T. de verbo, prefixo latino muito empregado, preposição. 10—Preposição, simples, partida vogal. 11—Curso de água que desagua no mar ou num seu semelhante, local onde é germinado o frangão.

VERTICAIS: 1—Deselegante, palavra francesa. 2—Criada, consoante. 3—Importante cidade da Yugo-Eslavia, situada à beira do Donúbio, interjeição. 4—Nome de homem, criçado. 5—Artigo, t. de verbo, artigo francês. 6—Artigo, vogal. 7—Consoantes, zanga, Antônimo de *Chora*. 8—Solo, Rodeado. 9—Nome de homem, 2 letras de *AVE*. 10—Avarento, Estio em francês, artigo. 11—Caulo, nome duma letra do abecedário português.





A FEITICEIRA DO BOSQUE

Por ALDEMIRA GONÇALVES

Desenhos de A. CASTANÊ

ERA uma vez um Rei muito poderoso e bom, que, na companhia da Rainha, sua esposa, e de uma linda princezinha chamada Maria, habitava um maravilhoso castelo, situado no pico da mais alta montanha de seu reino.

O soberano, que sempre fôra muito alegre, havia alguns dias mostrava-se bastante triste.

Não tardou que a Rainha percebendo o estado de alma do marido, lhe perguntasse qual a causa, ao que êle respondeu:

— «Quando ontem andava a caçar, vieram-me dizer que as serpentes da Feiticeira do Bosque devastaram muitos campos de trigo, o que trará grande prejuizo para o reino».

— «E porque não mandas prender essa feiticeira que, segundo dizem, é tão má? — indagou a Rainha».

— «Como prendê-la se eucanta todos que lá vão? Já mais de mil pessoas foram lá para êsse fim e até hoje não voltaram».

Mal acabara a frase, um págem dirigiu-se-lhe e, quasi sem poder articular palavra, pela aflicção de que estava possuido, balbuciou apenas: — «Saiba, Vossa Magestade, que a Princesa, tendo saído esta manhã com suas aias, desapareceu, sem que as mesmas sejam capazes de dizer como.»

A inquietação dos soberanos foi tanta que nem se pode descrever.

Em breve o castelo ficou quasi deserto, tendo muitos de seus habitantes, ido à procura da Princesa Maria.

Decorrido algum tempo, começaram chegando uns, depois outros, dizendo terem sido de balde todos os esforços empregados para a encontrarem.

Passaram-se quinze dias sem que na côrte se recebesse noticia alguma relativamente à princezinha.

A alegria que caracterizava a casa real desaparecera. Os mais valentes guerreiros que tinham ido à procura de Maria, não tinham voltado.

Havia no reino alguns fidalgos que, com inveja da fama

(Continua na página 6)

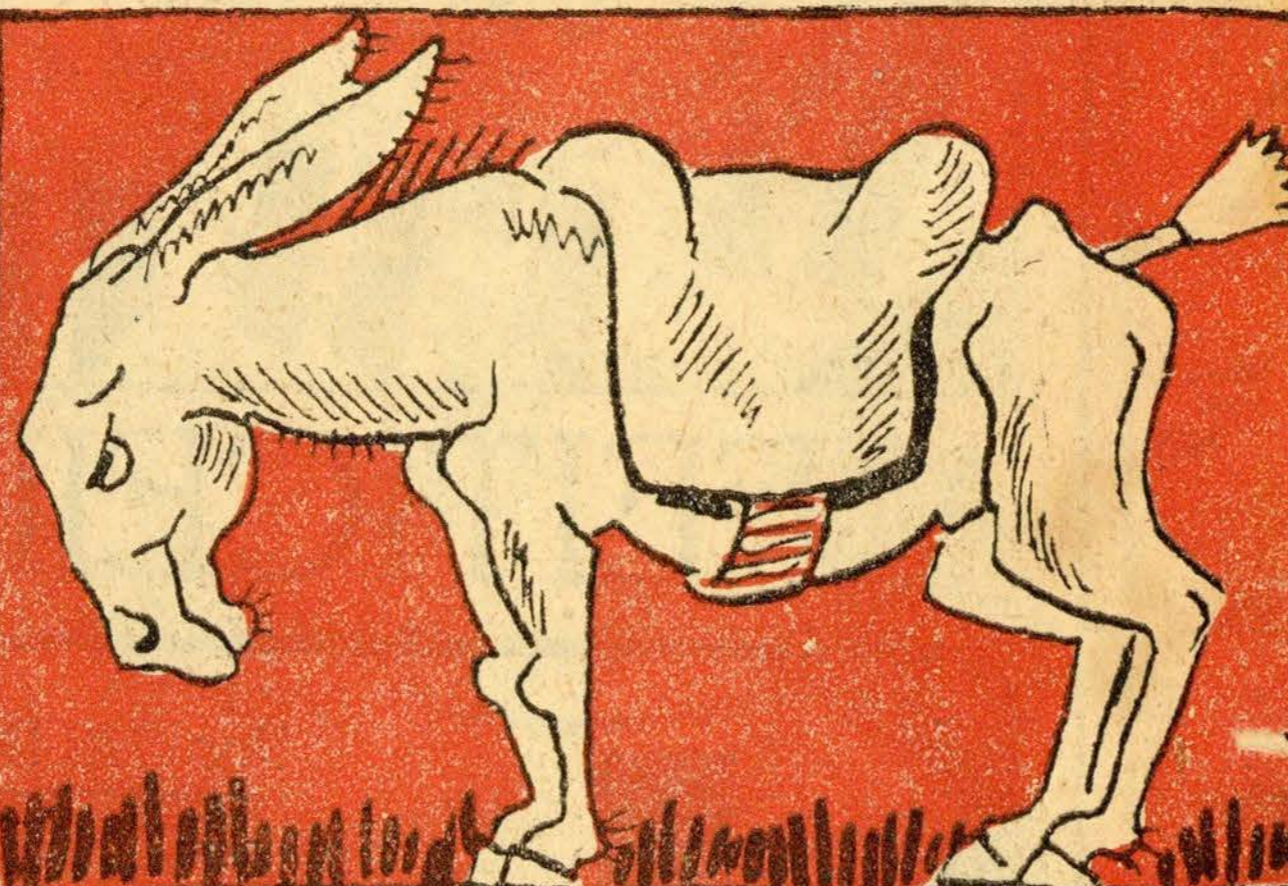


QUEM DESDENHA QUERE COMPRAR

por A. de S. R. e CASTANÉ



I — O Zé Maria Casmurro vai á feira da Malveira, a-fim-de comprar um burro.



II — E, ao chegar, vê um jumento de côr parda, com albarda, que era muito a seu contento.



III — Falando para o seu dono, diz a torcer o nariz: — «Quanto quer' por êste mono?» —



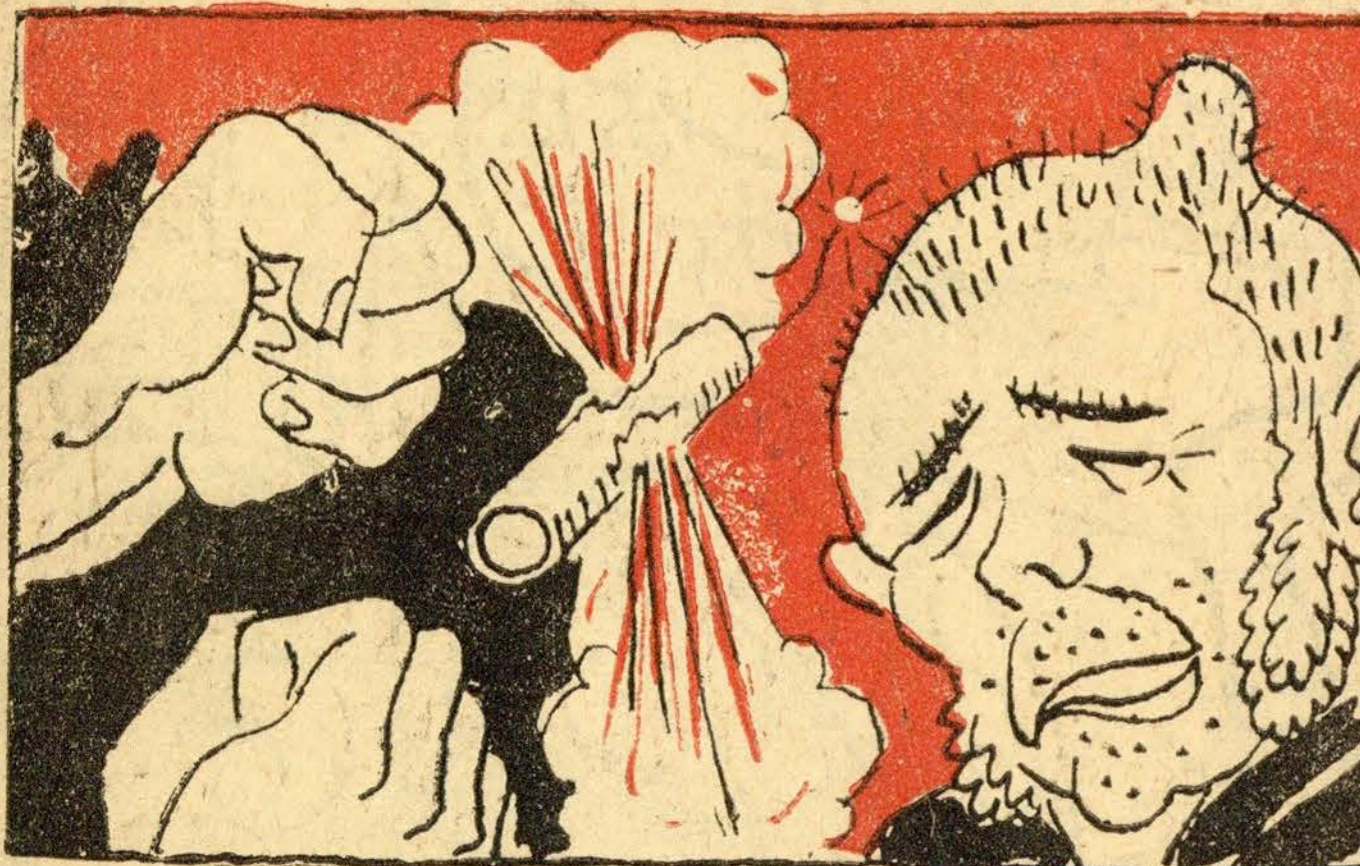
IV — «Mono?!... brada, dando um pulo, o vendedor, com rancôr, e com modo muito fulo.



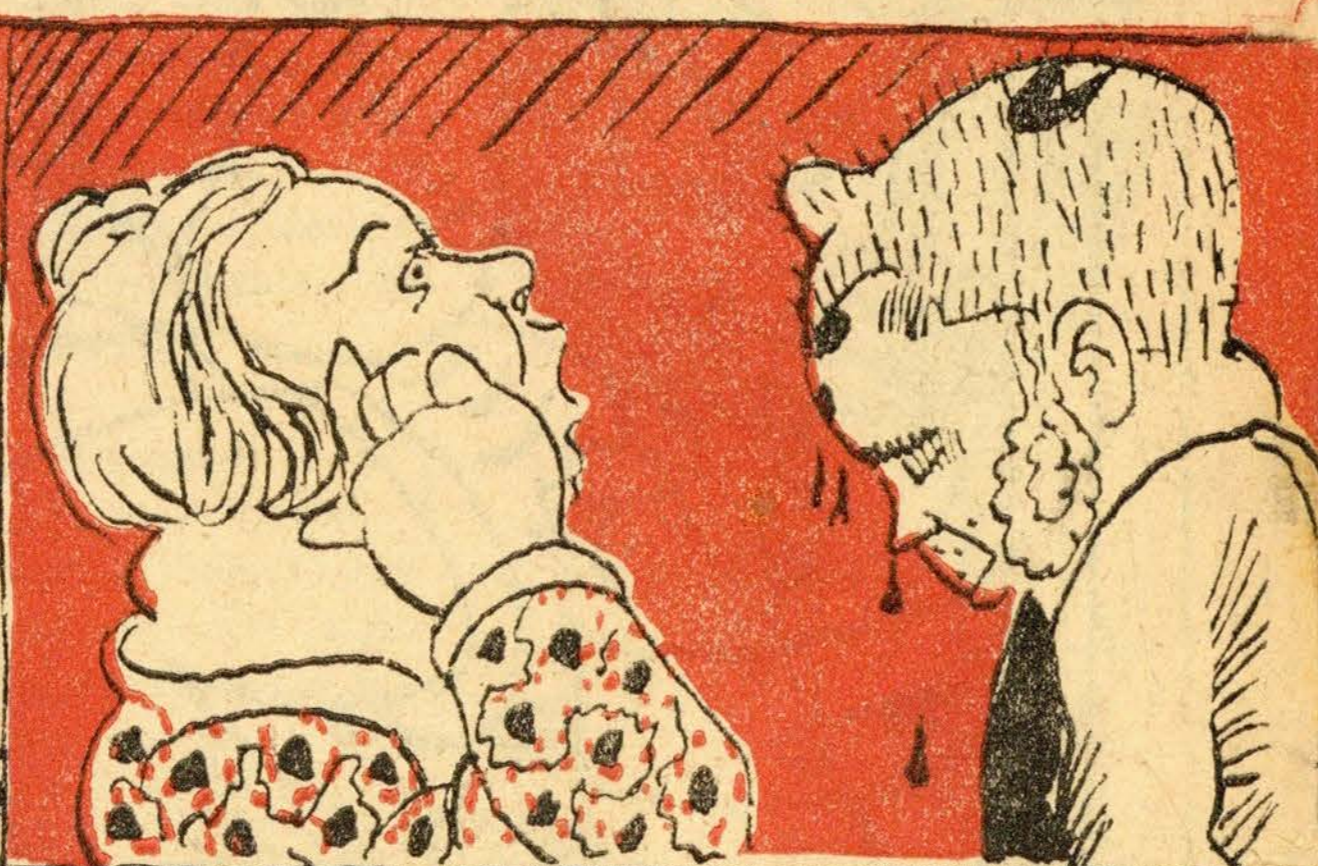
V — «Mono é você, seu marau!...» Palavra puxa palavra, e grande contenda lavra... Começa o jogo do pau.



VI — «Tome, tome e não se queixe!...» eis berra, à pancadaria, retirando o Zé Maria com os seus ossos num feixe.



VII — E com dois sôcos e um estalo, Zé Casmurro, em vez de um burro, leva para casa um galo.



VIII — Ao entrar, conta á mulher porque vem naquele estado: seguira o velho ditado quem desdenha comprar quer'.



IX — Mas mais esperta a mulher, troçando daquela manha, alega que a quem desdenha isto pode acontecer.



X — Meus meninos: — Não é rara gente assim. Toda a esperteza com mira na barateza, às vezes custa bem cara.



A FEITICEIRA DO BOSQUE — (Contiuado da página 3)

que João, filho dum humilde sapateiro, estava ganhando, quer por sua bondade, quer por sua valentia, foram dizer ao Rei que este se havia gabado de ser capaz de encontrar a Princesa.

O monarca mandou, logo, chamar João à sua presença e perguntou-lhe se era verdade o que lhe haviam dito os fidalgos, ao que o pobre rapaz respondeu:

— «Eu nada disse, mas, se Vossa Magestade tal me ordena, estou pronto a cumprir vossas reais ordens».

Depois de fazer a devida reverência, João deixou o castelo, a fim de dirigir-se à casa de seus pais, para torná-los cientes das ordens recebidas.

Foi com grande prazer que acolheram a nova. Após haver-se despedido d'êles, o filho do sapateiro, montado num cavalito, tomou a estrada que o deveria conduzir à habitação da Feiticeira do Bosque, onde suspeitava estar a princezinha.

Lá tinha meio caminho andado, quando uma voz, muito maviosa, lhe chegou aos ouvidos.

Soltou uma exclamação de surpresa e de júbilo ao voltar-se; diante de si, estava uma Fada formosíssima que lhe disse: — «Conhecendo tua coragem e generosidade, resolvi ajudar-te».

De acôrdo com o que pensava, soube, então, que a princesa se encontrava em casa da mágica.

Para que consigas matar a Feiticeira, é necessário, primeiramente, que te desembarces dos terríveis dragões e das serpentes venenosas, que guardam a caverna, onde a bruxa esconde as pessoas encantadas por ela.

Todos que têm ido à sua habitação, lá têm ficado. És o primeiro a quem confio este segredo; os outros não eram tão dignos como tu.

Depois de muitas demonstrações de agradecimento, João continuou a andar até chegar à caverna; aí travou uma tremenda luta com os guardas da feiticeira, da qual êle saiu vencedor, graças à espada maravilhosa que lhe dera de presente a boa Fada.

Com muita cautela para não ser surpreendido, chegou onde estava a bruxa, que, sem suspeitar que estava sendo ouvida, dizia: — «Sinto que meus animais favoritos vão morrer! Com a morte d'êles finalizar-se-há a minha vida. Quem seria que...»

Não pôde continuar porque, antes disso, caiu morta.

No mesmo instante ouviu-se um formidável estrondo e todos, que haviam sido encantados por ela, desencantaram-se de repente. Ao verem-a inerte, sem vida, e perto o filho do sapateiro, logo imaginaram ser êle o seu libertador e por isso correram a abraçá-lo, agradecendo-lhe o beneficio.

O Rei, para recompensá-lo, concedeu-lhe a mão de Maria. No dia do casamento houve uma grande festa, para a qual foram convidadas muitas fadas, dando-se, à mesa do banquete, o lugar de honra à fada protectora de João.

Um grande amor conjugal uniu os novos esposos que foram muito felizes.

O sapateiro e sua mulher vieram viver na companhia d'êles, bem como o Rei e a Rainha.

O soberano, reconhecendo a inteligência e o bom senso do genro, deu-lhe metade do reino.

O povo ficou contentíssimo quando soube tais notícias, pela grande estima que inda hoje dedica a João, que continua governando com agrado geral.

No castelo tudo corre às mil maravilhas, sendo todos muito ditosos.

C O R R E S P O N D E N C I A

Ana Brun — Por falta de tempo, o nosso director encarega-me de comunicar-lhe que não lhe foi possível responder ainda à carta de V. Ex.^a, o que fará brevemente, cogando-lhe o favor de continuar enviando novas produções.

Polinóque — Os teus versinhos, embora bem feitos, não

podem ser publicados, devido ao facto do tema não ser nada infantil.

Dinette — O sr. Santa-Rita agradece muito a gentileza do seu livro e brevemente lhe escreverá.

Marianela — Podes mandar os contos que serão publicados, a avaliar pela amostra. (Continua na página 7)

HORA DE RECREIO

A DIVINHAS

PASSA-TEMPO

Maçadas desportivas

Formar, com as letras das seguintes frases, o nome de conhecidos foot-balleres:

Sô mel na vitrina
Valerio era par
Pare na vila
Mudo de Preto
Lares calvos
Nota: eu quero tino
Jarreta Vesgo
Nós todos já são
Suje liso
Aqui cai me tacos
Matavam ledor

Maçadas geográficas

Formar, com as letras das seguintes frases, o nome de Vilas Portuguesas:

Lacre do Casal
Casos de Valverde
E' rasto de Burro
Fiado nove cavalos
Vê no veludo Maria
Mapa com rio
Só vi roma-flor
O Bacelo de Cristo
Só vi o mi

J. M. Antunes

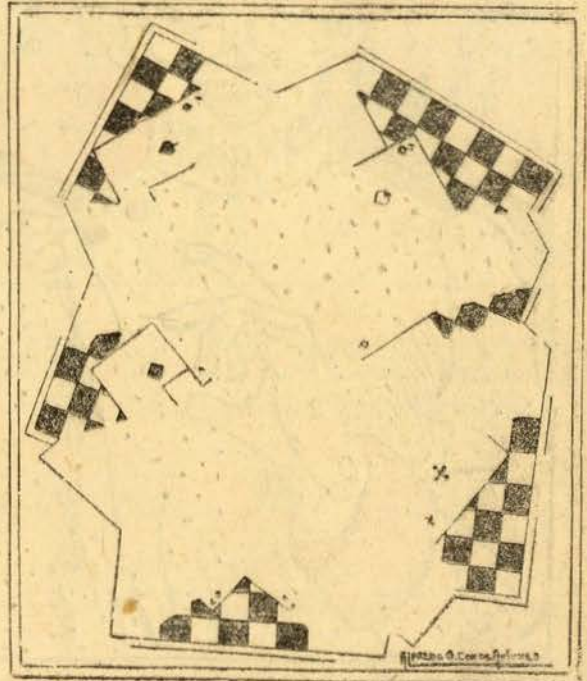
Decifração do enigma anterior

A Morenita deseja a todos os priminhos Boas Festas e um Ano Novo portador das maiores felicidades.

José Marco — Castro Daire — Os contos são muitos interessantes mas precisamos saber donde foram tirados e quem é o seu autor. «A lição da Natureza», «Vaidade de Burro» e «Um Exemplo» serão publicados com as respectivas ilustrações do nosso desenhador, só depois de termos recebido a informação que pedimos.

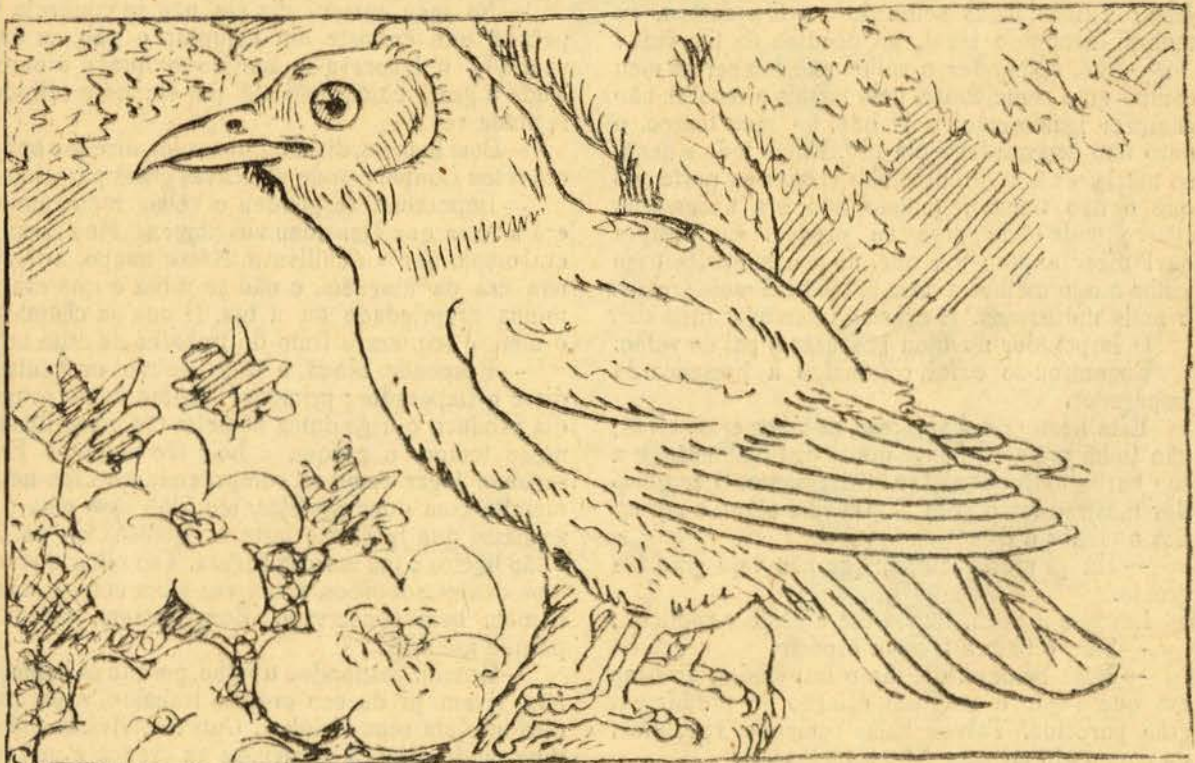
José Teireira Junior: — O seu conto: — «Os três bebês» não foi publicado na devida altura, em virtude de não ter sido possível publicar-se o «Pim-Pam-Pum» durante duas semanas anteriores ao Natal. Embora com menos oportunidade, não deixaremos de o publicar brevemente.

TIO PAULO



Como será possível, apenas com seis dobras, formar-se os quatro azes dum baralho de cartas em cima duma mesa quadrada, com tempo em xadrez?

PARA OS MENINOS COLORIREM



(O GIMNOCEFALO CARECA — *Gymnocephalus calvus*)



Imperador. Este homem marchava com uma só muleta, seus olhos estavam ainda assaz bons e a sua barba era grisalha. O Imperador mostrou-lhe o grão e perguntou-lhe o que era. O velho olhou-o atentamente. O Imperador tornou mais uma vez:

— Bom homem, sabes para que é bom esse grão? Talvez hajas semeado no teu campo, ou tenhas comprado igual, no decurso da tua vida?

— Não, respondeu o velho, não semeiei no meu campo grão semelhante, nem jamais o recolhi; não comprei igualmente, pois que, no meu tempo, o ouro não estava ainda em uso. Então toda a gente se nutria de seu próprio pão e dava-se parte aos que o não tinham, quando isso era necessário. Ignoro onde este grão se produz. Eu sempre ouvi dizer a meu pai que, no seu tempo, o trigo vinha muito melhor e dava grãos bem mais grossos e mais numerosos. É preciso interrogar meu pai.

O Imperador mandou procurar o pai do velho.

Encontrou-se e foi conduzido à presença do Imperador.

Este homem era vigoroso, os olhos eram vivos; não tinha muletas, falava muito distintamente, e a sua barba embranquiçava ligeiramente. O Imperador mostrou-lhe o grão... O velho olhou-o por todos os lados e disse:

— Há já muito tempo, que não vejo grão tão grosso.

Levou-o à boca, tomou-lhe o gosto e replicou:

— Sim, é bem a mesma espécie.

— Bom homem, diz-lhe o Imperador, diz-me em que lugar e em que estação se produz um grão parecido. Talvez hajas semeado, recolhido, ou comprado mesmo, grão semelhante?

O velho respondeu:

— No meu tempo não havia outro trigo senão

dêsse; era deste mesmo grão que fazíamos o nosso pão e de que vivíamos.

— Bom homem, replicou o Imperador, queres tu dizer-me que nesse tempo compravam deste grão, ou o recolhiam?

O velho sorriu:

— No meu tempo, diz êle, não se conhecia o pecado que consiste em comprar o pão ou em vendê-lo, e ignorava-se mesmo o que é o ouro. Toda a gente comia pão até que êle fosse colhido segunda vez.

— Bom homem, disse o Imperador, diz-me onde era o teu campo, e onde semeavas grãos parecidos.

— Imperador, respondeu o velho, meu campo era a terra que Deus deu aos homens. Meu campo era o solo que eu cultivava. Nesse tempo, a terra não era de ninguém, e não se sabia o que era a minha propriedade ou a tua. O que se chamava o meu, o teu, era o fruto do trabalho de cada um.

— Responde, ainda, a duas outras perguntas, disse o Imperador; primeiro diz-me como se podia produzir o trigo duma maneira tão maravilhosa nesse tempo, e porque é hoje tão pequeno. Em segundo lugar como se compreende que teu neto marche com duas muletas, teu filho com uma só, ao passo que tu és tão forte e vigoroso, teu passo é tão ligeiro e tua marcha segura. Teu olhar é vivo, tens dentes soberbos, e tua voz vibra como a dum homem bem conservado. Bom homem, diz-me porque assim é?

— É assim, respondeu o velho, porque os homens não vivem já do seu próprio trabalho, e porque êles invejam seus vizinhos. Outr'óra, viviam todos dum modo diferente; vivia-se na crença e no respeito a Deus. Então não se possuía o que era seu mas não se tinha precisão do que era doutrem!